

## **INFLAÇÃO E CAMBIO EM ALTA DEIXAM MERCADO DE PRODUTOS FLORESTAIS INDEFINIDO**

Os últimos acontecimentos nos cenários econômicos mundial e nacional, em especial, os sinais de estagnação em alguns países emergentes e a alta do dólar no mercado brasileiro, trouxeram mais turbulência para os vários setores da economia, entre eles, o setor florestal. As oscilações e a tendência clara de alta do câmbio em relação à moeda americana originam um cenário ainda mais incerto. A conjuntura do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) deste mês de agosto procura identificar esse cenário de oscilações e tendências incertas nos rumos dos negócios do setor florestal.

### **Segmento de Celulose e Papel**

O setor brasileiro de celulose e papel encerrou o primeiro semestre de 2013 com saldo positivo na produção e consumo, segundo a Bracelpa (Associação Brasileira de Celulose e Papel). No acumulado, a produção de celulose atingiu, aproximadamente, 7,3 milhões de toneladas, com alta de 4,8% sobre o volume do mesmo período de 2012. No mês de junho, foram produzidos 1,2 milhões de toneladas de celulose, 9,8% a mais do que no mesmo mês do ano anterior.

Quanto ao papel, a produção somou cerca de 5,1 milhões de toneladas no semestre, 1,5% a mais do que nos seis primeiros meses do ano passado. Já o volume de vendas no mercado doméstico, que somou 2,7 milhões de toneladas, com destaque para papéis para embalagem e para fins sanitários, teve alta de 4,4% no semestre, em comparação com o mesmo período de 2012.

Com relação à receita das exportações de celulose e papel, de janeiro a junho de 2013, houve um crescimento de 4% na arrecadação, totalizando US\$3,5 bilhões, contra US\$3,3 bilhões no mesmo período do ano passado. As vendas de celulose para a China, que é o segundo maior mercado para o produto brasileiro, somaram US\$731 milhões, com aumento de 18,9%, enquanto que para o principal mercado, a Europa, a receita caiu 2,3% no período, acumulando US\$1,03 bilhões.

Sobre os investimentos no segmento, após cerca de três anos sem grandes projetos, observa-se o início de um novo ciclo de investimentos. A primeira fábrica a sair do papel, no final de 2012, foi a da Eldorado, localizada em Três Lagoas – MS,

com capacidade instalada de 1,5 milhões de t/ano de celulose de eucalipto e investimentos que totalizaram aproximadamente R\$6 bilhões. Neste ano, deverão iniciar produção a nova fábrica de Montes del Plata, no Uruguai, uma parceria entre Stora Enso e Arauco, prevista para o terceiro trimestre de 2013, seguida da planta da Suzano no Maranhão, ao final de 2013. Adicionalmente, a CMPC já teve o projeto aprovado pelo seu conselho de administração para a expansão de Guaíba (RS) e a Klabin está em vias de obter aprovação para o seu projeto em Ortigueira (PR), ambos com horizonte de entrada em operação entre o final de 2014 e início de 2015. Todos esses projetos somados irão adicionar cerca de 7 milhões de t/ano de celulose ao mercado.

### **Segmento de Madeira Processada**

Neste mês de julho de 2013, as exportações de madeira e derivados foram de US\$163 milhões, representando uma redução de 2,8% em relação ao mês anterior e queda pelo segundo mês consecutivo. Já as importações, em julho de 2013, foram de US\$11,3 milhões, representando um aumento de 11,2% em relação a junho. Em julho, portanto, houve uma certa contradição, pois, com a alta do dólar, era esperado um aumento das exportações e queda nas importações. Já o saldo na balança comercial teve uma redução de 3,7% em relação ao mês anterior, alcançando US\$151,7 milhões (Quadro 1). No acumulado do ano de 2013, de janeiro a julho, as exportações totalizaram US\$1.144,1 milhões, apresentando um aumento de 3,9% quando comparado ao mesmo período do ano passado, confirmando um ligeiro aquecimento das indústrias madeireiras. As importações de janeiro a junho de 2013 totalizaram US\$85,5 milhões e foram 10,6% inferiores ao mesmo período de 2012. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2013 é de US\$1.058,6 milhões, 5,3% maior que igual período do ano passado.

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Julho de 2012 e 2013, em 1000 US\$

Mês	2013			2012			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
Jan	140.583	14.367	126.216	134.418	16.686	117.732	4,6	-13,9	7,2
Fev	151.817	10.867	140.949	153.952	12.331	141.621	-1,4	-11,9	-0,5
Mar	163.586	12.958	150.629	183.004	16.128	166.877	-10,6	-19,7	-9,7
Abr	178.206	13.252	164.955	155.764	10.718	145.046	14,4	23,6	13,7
Mai	179.158	12.496	166.662	163.124	13.694	149.430	9,8	-8,7	11,5
Jun	167.739	10.190	157.550	152.732	12.058	140.674	9,8	-15,5	12,0
Jul	163.027	11.330	151.697	158.419	13.959	144.460	2,9	-18,8	5,0
<b>Acumulado</b>	<b>1.144.116</b>	<b>85.459</b>	<b>1.058.657</b>	<b>1.101.413</b>	<b>95.573</b>	<b>1.005.840</b>	<b>3,9</b>	<b>-10,6</b>	<b>5,3</b>
<b>Variação entre Jul e Jun</b>	-2,81	11,19	-3,71	3,72	15,76	2,69			

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

A queda nas exportações da indústria madeireira nos últimos anos preocupa empresários do setor madeireiro no Paraná. A indústria da madeira não está acompanhando o ritmo de crescimento dos outros segmentos industriais nos últimos três anos e, como consequência, está perdendo participação nas exportações nacionais, por não conseguir competir com as madeireiras de outros países. Na opinião do setor, a madeira não recebe incentivos do governo na mesma proporção que outros setores da indústria.

“A exportação tem uma importância significativa na renda do setor madeireiro do Paraná como um todo”, afirmou o empresário de Guarapuava (PR), Célio Cunha, proprietário de uma fábrica de compensados. “Mais da metade da produção de madeira do Estado é exportada”, acrescentou. Durante a reunião do Conselho Setorial, o economista-chefe da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Flávio Castelo Branco, apresentou uma análise comparativa do setor no Brasil, utilizando como base os meses de maio de 1996 e de 2013. “Em 96, o setor era responsável por 3,4% do total de empregos gerados pela indústria de transformação. Hoje, o índice caiu para 2,6%. Nas exportações, o segmento perdeu muito. O volume caiu de 2,7% para 1,2% no país”, alertou. Um dos aspectos apontados é a redução da construção civil na Europa e nos Estados Unidos, aliado ao câmbio elevado (Diário de Guarapuava).

Em evento promovido pela Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), em agosto deste ano, industriais debateram o uso da madeira na construção civil, o cenário econômico e a nova política de floresta plantada e apostam em novas perspectivas para os negócios. Foi mais um momento importante para o setor. A reunião, marcada pela presença de associados de diferentes regiões do país, foi a oportunidade para a discussão de temas como economia, perspectivas para o segmento, mercado, uso da madeira na construção civil e a nova política de floresta plantada que está sendo desenvolvida pelo governo federal.

O grupo de empresários ficou motivado com a oportunidade que surge com a possibilidade de ampliar o uso da madeira de floresta plantada na construção civil com a eminente aprovação do sistema construtivo *wood frame* pelo Ministério das Cidades. O diretor da Rede iVerde, José Márcio Fernandes, que comercializa a tecnologia no Brasil, apresentou aos presentes o primeiro condomínio do programa Minha Casa, Minha Vida, feito com esse sistema, construído em Pelotas (RS). “Com a entrega destas casas, teremos muita visibilidade para a tecnologia desenvolvida no Paraná e, conseqüentemente, um volume maior de demanda para o setor da madeira”, avaliou o diretor.

Embora o comparativo a médio prazo seja desvantajoso para a indústria da madeira, indicadores revelam que em 2013 o desempenho do setor está melhor do que a média da indústria de transformação. Nos últimos 12 meses, até maio de 2013, a indústria teve um aumento de faturamento real de 3,6%, enquanto o setor madeireiro registrou alta de 5,3%. A média produzida como um todo pela indústria cresceu apenas 0,4%, enquanto o segmento da madeira cresceu 8%. Em relação à utilização da capacidade instalada, não houve qualquer variação na média da indústria em geral, enquanto na indústria da madeira, o indicador teve alta de 2,3% (Abimci).

### **Produtos Florestais Não-Madeireiros**

De abril a julho desse ano, as exportações de castanha-do-brasil tiveram uma queda de 80%, passando de 2.691,3t para 550,4t e, no acumulado dos sete meses do ano (janeiro a julho), a queda foi de 61,4% (Quadro 2). Essa queda é justificada, em parte, pela entressafra nos estados da Amazônia, que resulta em uma redução da oferta e, conseqüentemente, uma sobrevalorização do produto.

Para a castanha-de-caju, de acordo com o Diário do Nordeste, a retração das exportações no estado do Ceará foi equivalente a 36,5%, que junto ao setor de couros, peles e calçados representam quase metade de tudo que é vendido pelo Estado para outros países.

Quadro 2 – Quantidades (t) e Valores (US\$) de Exportações Brasileiras de Produtos Florestais Não-madeireiros de Janeiro a Julho de 2013

<b>Mês/Peso líquido (t)</b>	<b>Castanha-do-brasil</b>	<b>Castanha-de-caju</b>	<b>Óleos essenciais de Eucalipto</b>	<b>Palmito (em conserva)</b>	<b>Tanino</b>	<b>Borracha Natural</b>
<b>Jan</b>	1.426,4	1.854,6	15,8	83,3	60,9	43,7
<b>Fev</b>	2.618,0	1.643,7	21,0	45,9	179,9	17,8
<b>Mar</b>	2.134,8	1.871,8	4,5	72,1	206,1	0,1
<b>Abr</b>	2.691,3	1.853,3	24,5	25,4	136,4	261,9
<b>Mai</b>	2.058,1	1.872,7	5,8	40,4	149,9	262,2
<b>Jun</b>	772,3	1.494,4	6,2	50,1	151,5	88,0
<b>Jul</b>	550,4	1.574,8	15,1	5,5	280,7	64,6
<i>TOTAL</i>	<i>12.251,3</i>	<i>12.165,3</i>	<i>92,9</i>	<i>322,7</i>	<i>1.165,4</i>	<i>738,3</i>
<b>Mês/US\$ FOB</b>	<b>Castanha-do-brasil</b>	<b>Castanha-de-caju</b>	<b>Óleos essenciais de Eucalipto</b>	<b>Palmito (em conserva)</b>	<b>Tanino</b>	<b>Borracha Natural</b>
<b>Jan</b>	1.254.476	12.256.784	210.051	442.199	236.279	322.273
<b>Fev</b>	2.189.013	10.492.793	307.875	281.160	394.422	115.761
<b>Mar</b>	1.987.282	12.604.092	71.994	350.139	364.398	1.156
<b>Abr</b>	3.625.288	11.620.474	341.871	141.873	548.621	1.652.113
<b>Mai</b>	3.108.664	12.172.645	105.953	238.793	392.869	1.065.071
<b>Jun</b>	1.967.737	9.639.283	106.805	273.408	253.314	640.686
<b>Jul</b>	2.111.096	10.037.526	258.628	29.064	742.477	469.271
<i>TOTAL</i>	<i>16.243.556</i>	<i>78.823.597</i>	<i>1.403.177</i>	<i>1.756.636</i>	<i>2.932.380</i>	<i>4.266.331</i>

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.



O palmito em conserva, ao longo deste ano, apresentou queda nos volumes exportados. Em janeiro, as exportações deste produto estavam em 83,3t e, em julho, 5,5t, onde se obteve um preço de exportação de US\$5,3/kg. O estado que mais contribuiu para essa exportação de palmito foi o Pará, com 251t das 322,7t exportadas, recebendo US\$1,3 milhões, equivalente a 74,3% do total.

Apesar da redução das exportações dos produtos não-madeireiros aqui apresentados, o tanino e a borracha natural tiveram crescimento na exportação, no acumulado dos primeiros sete meses de 2013, quando comparado a igual período de 2012 (Quadro 3).

Quadro 3 – Exportação de Alguns Produtos Florestais Não-Madeireiros para o Período de Janeiro a Julho de 2012 e 2013

PRODUTOS	Janeiro a Julho - 2012		Janeiro a Julho 2013	
	1000 U\$S FOB	Peso líquido (t)	1000 U\$S FOB	Peso líquido (t)
<b>Castanha-do-brasil</b>	17.045	8.217,6	16.244	12.251,2
<b>Castanha-de-caju</b>	126.255	16.715,5	78.824	12.165,3
<b>Óleos essenciais de Eucalipto</b>	1.674	99,2	1.403	92,9
<b>Palmito (em conserva)</b>	2.331	441,1	1.757	322,7
<b>Tanino</b>	2.379	1.092,8	2.932	1.165,4
<b>Borracha Natural</b>	593	150,3	4.266	738,3
<b>TOTAL</b>	<b>150.277,0</b>	<b>26.716,5</b>	<b>105.426,0</b>	<b>26.735,8</b>

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

Outro produto não-madeireiro exportado pelo Brasil é o óleo de palma ou óleo de dendê. No ano passado, de janeiro a julho, as exportações desse representaram 26,6t (US\$29,4 milhões), enquanto neste ano foram equivalentes a 35,8t (US\$31 milhões).

De janeiro a julho de 2013, a importação do óleo de palma foi equivalente a US\$120,3 milhões. Já a soma das importações dos outros produtos não-madeireiros citados foi de US\$318 milhões. Não houve importações de castanha-do-brasil e palmito em conserva. As importações de castanha-de-caju, óleo essencial, tanino e borracha natural foram de US\$26,7 milhões, US\$1,5 milhões, US\$639,2 mil e US\$289,2 milhões,

respectivamente. As importações de borracha natural de janeiro a julho de 2013 foram 10,3 mil t superiores ao mesmo período, em 2012 (MDIC, 2013).

### **Segmento Moveleiro**

O setor moveleiro, em agosto, deve ter crescimento moderado face medidas governamentais recentes de controle da inflação e volta de expansão econômica nos EUA e na China. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), em julho, a exemplo da indústria como um todo, a produção de móveis teve baixo crescimento, com apenas alguns indicadores positivos.

No mercado externo, os resultados para o setor mostraram melhoras no seu desempenho. Tanto as exportações, quanto as importações, tiveram crescimento, contrariando expectativas do mês anterior quando quedas expressivas ocorreram.

As exportações aumentaram 4% em relação ao valor exportado em julho de 2012 e foram 9% maiores do que o valor exportado em junho de 2013. Possivelmente, a continuidade da desvalorização da moeda, dando maior atratividade ao produto nacional, e os esforços do setor em promoção e inovação devem ter contribuído para o aumento verificado das vendas ao exterior. No acumulado dos primeiros sete meses do ano, as exportações aumentaram apenas 1,2% em relação ao mesmo período de 2012. Apesar de bons resultados para alguns polos moveleiros do país que vêm se destacando no ranking de exportadores, o quadro geral das exportações não tem se alterado significativamente. Portanto, permanece o desafio para a indústria nacional de móveis de ampliar sua presença no mercado internacional de forma mais arrojada e lucrativa.

Em julho, as importações brasileiras de móveis voltaram a subir. O valor importado foi 7% maior do que do mesmo mês em 2012. No acumulado de janeiro a julho de 2013, as importações somaram cerca de US\$14 milhões, sendo, praticamente o mesmo valor daquelas ocorridas entre janeiro a julho de 2012 (Quadro 4). Isso mostra que a situação geral das importações não se modificou neste último ano, mesmo diante de valorização da moeda americana.

Quadro 4 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a Dezembro de 2012 e Janeiro a Julho de 2013(1000US\$ FOB)

Meses	Exportações Totais		Variação	Importações Totais		Variação
	2012	2013	2013-2012	2012	2013	2013-2012
<b>Jan</b>	27.620	26.656	-3%	1.500	2.206	47%
<b>Fev</b>	33.067	32.286	-2%	1.922	2.192	14%
<b>Mar</b>	35.463	33.341	-6%	2.997	2.593	-14%
<b>Abr</b>	32.385	36.601	13%	1.040	2.903	179%
<b>Mai</b>	38.773	40.429	4%	2.882	1.109	-61%
<b>Jun</b>	36.281	35.658	-2%	1.651	889	-46%
<b>Jul</b>	37.196	38.831	4%	1.613	1.725	7%
<b>Ago</b>	45.289			2.088		
<b>Set</b>	35.374			3.128		
<b>Out</b>	42.926			3.599		
<b>Nov</b>	42.605			2.559		
<b>Dez</b>	38.474			1.921		
<b>TOTAL</b>	<b>458.933</b>	<b>243.803</b>		<b>26.900</b>	<b>13.717</b>	

Fonte: MDCI, elaborada pelos autores.

### Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço do carvão vegetal em julho de 2013, referente ao preço médio para o Estado de Minas Gerais, segundo dados da AMS – Associação Mineira de Silvicultura, atingiu o valor de R\$513 por tonelada de carvão.

O Quadro 5 resume os preços do carvão vegetal praticados no Estado de Minas Gerais no 1º semestre de 2013.

Quadro 5 – Preço do Carvão Vegetal em Minas Gerais de Janeiro a Julho de 2013 (R\$/t)

Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
<b>Sete Lagoas</b>	480	510	509	509	515	530	518
<b>Divinópolis</b>	490	470	465	495	500	475	494
<b>Norte de Minas</b>	ND	ND	ND	ND	480	540	540
<b>Grande BH</b>	500	510	500	510	530	517	500
<b>Média MG</b>	490	497	491	505	506	515	513
<b>Espírito Santo</b>	530	530	500	500	500	550	550

Fonte: Associação Mineira de Silvicultura (AMS).



Dentro do contexto da produção siderúrgica nacional (Quadro 6), a produção brasileira de aço bruto, acumulada no 1º semestre de 2013, totalizou 11,7 milhões de toneladas de aço bruto e 12,9 milhões de toneladas de laminados, redução de 2,2% e aumento de 0,9%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2012 (Instituto Aço Brasil).

Quanto às vendas internas, o resultado acumulado para 2013, até junho, foi de 13 milhões de toneladas, indicando um crescimento de 2,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações de produtos siderúrgicos no mesmo período de 2013 totalizaram 4,4 milhões de toneladas e US\$3 bilhões, representando declínio de 14,4% em volume e de 19,9% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), as exportações de ferro gusa totalizaram, até julho de 2013, US\$540 milhões e 1,3 bilhões de toneladas, ou seja, queda de 29% e 17,4% em valor e quantidade, respectivamente, quando comparado ao mesmo mês de 2012.

No que se refere às importações, registrou-se, até junho, o volume de 1,7 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, redução de 14,6% em relação ao mesmo período de 2012.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos durante o 1º semestre de 2013 totalizou 13 milhões de toneladas. Esses valores representaram uma queda de 1,2% e uma alta de 0,6%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

Quadro 6 - Mercado Siderúrgico Nacional durante o 1º semestre de 2013

PERÍODO	Produção Aço bruto	Produção de laminados	Vendas internas	Exportação de Siderúrgicos	Exportação de Ferro Gusa	Importações	Consumo Aparente
Jan	2,8	2	1,8	933	414	278	2,1
Fev	2,6	2	1,7	815	129	294	2
Mar	2,9	2,2	1,9	719	282	271	2,2
Abr	3	2,2	1,9	817	275	330	2,3
Maio	3	2,3	2	608	100	266	2,3
Jun	2,8	2,3	2	543	150	240	2,2
<b>Acumuladodo 1º semestre 2013*</b>	<b>11,7</b>	<b>13</b>	<b>13</b>	<b>4,4</b>	<b>1,3**</b>	<b>1,7</b>	<b>13</b>

\* Dados em milhões de toneladas

\*\* Dados em bilhões de toneladas

Fonte: Instituto Brasil e MDIC adaptado pelos autores.

Apesar dos dados mostrarem que o segmento apresentou desempenho inferior ao mesmo período do ano passado, a alta do dólar nos últimos meses trás melhores expectativas para esse mercado.

**Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Camila Brás Costa – Eng. Florestal, M.Sc. em Ciência Florestal.

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. Ciência Florestal

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.